



## **(RE) CONSTRUINDO-SE COLETIVAMENTE EM NEGRITUDES PARA GERMINAR HUMANIDADES**

Jefferson Olivatto da Silva<sup>1</sup>

[jeffolivattosilva@gmail.com](mailto:jeffolivattosilva@gmail.com)

Desconferência

A saúde da população negra escancara de que maneira uma nação oriunda de práticas coloniais podem manter o enredo da exclusão metabolizado em práticas científicas, desconsiderando absolutamente a violência e a crueldade das relações étnico-raciais e assim perpetuar o racismo. Desta forma, nossa desconferência tem como propósito fundamentar a experiência coletiva de longa duração brasileira para produzir ambientes acolhedores em saúde plena da população negra.

Em nossa proposição teórico-metodológica tomamos como palco o peso da história nas relações humanas brasileiras por meio do conceito de contingenciamento psíquico, aproximando os participantes da experiência étnico-racial e constituir táticas de ruptura para esse tipo de adoecimento. Para tanto faremos uma interlocução entre Psicologia Social Comunitária e Antropologia Cultural para trazer, em um primeiro momento, contextos específicos sobre a amplitude do racismo e de que maneira afeta a saúde da população negra, por meio de história de vida, debates, fóruns e dados estatísticos. Em seguida, pediremos aos participantes para que desenham, escrevam, colem e/ou pintem situações que demonstram social e historicamente o contingenciamento psíquico, para enfim expormos localmente uma produção de memorial da saúde da população negra.

O conhecimento institucionalizado sobre saúde utilizados por profissionais da área perpetuam o silenciamento a tipos específicos de patologias. Devemos lembrar aqui que o sentido que utilizamos de patologia é seu resgate etimológico, isto é, o estudo do

---

<sup>1</sup> Graduação: Filosofia e Psicologia; Mestre em Educação; Doutor em Ciências Sociais; Pós-Doutor em História e Pós-Doutorando em Educação. Docente da Universidade Estadual do Centro-Oeste-UNICENTRO/PR (graduação e Mestrado em Educação). Coordenador do Núcleo de Estudos Ameríndios e Africanos – NEAA. Áreas: saúde da população negra; efeitos psicossociais do racismo; processos educativos em comunidades.

sofrimento. Essa volta ao sentido etimológico demonstra ser o caminho pedagógico para que se entenda outros sofrimentos e/ou adoecimentos que não são reconhecidos por sua natureza sócio-histórica racial ou subnotificados como estratégia para evitar o constrangimento epistemológico do campo da saúde, isto é, lidar com o não-saber inserido no não-fazer profissional.

É mister que essa patologia seja entendida como social e responsável por reproduzi-lo nas dimensões do conhecimento: sua existência como efeito de exclusão de cinco séculos, a atuação de resistência social contra o extermínio, a necessária aproximação com as comunidades negras para modelar seu contexto, o compromisso com o bem-estar dessas comunidades e a implicação profissional em busca de resolução comunitária.

Para que haja o encadeamento desse processo de resgate, devemos lembrar que há muitos exemplos que demonstram que a resolução em conjunto é curativa, visto que sua atuação percorre seu desvelamento para o grupo e/ou comunidade. Lembramos que as consequências do esquecimento sobre o racismo não possibilitam às gerações diminuir seus efeitos nefastos. Não obstante, contra estes efeitos houve várias ações de implicação ética em busca de harmonia comunitária ou nacional: memoriais de atos de violência, memoriais de vítimas de guerra, monumentos de libertação e independência, além de poemas, músicas, filmes, seriados, camisetas, caminhadas e encontros que rompem com o silenciamento desses sofrimentos.

Em nosso caso, essa prática tem como foco a experiência coletiva, compartilhada, em um ambiente que seja acolhedor e consiga produzir sentidos sociais a essa patologia. Observamos que em muitas situações acadêmicas, ainda é distante deste propósito a tônica de experimentar esse sofrimento de forma explícita: em um ambiente que revele a culpabilidade social de sermos grupos que geram crueldade ao mesmo tempo que acolhe diferentes respostas como desconfiança e angústia pela evidência da crueldade do racismo. Ademais, esse é o processo necessário para que a experiência coletiva seja de fato curativa; porém esse momento é o início.

Após encadeados, nomeados e produzidos sentidos coletivos sobre os efeitos de longa duração do silenciamento, será proposto a externalização dessas crueldades como forma de reparação histórica por desenhos, frases, colagens, poemas etc. de forma coletiva e complementar. Primeiro respeitando o caráter próprio da situação vivenciada



para que então haja a complementaridade dialógica desse entendimento. Por fim, conforme a possibilidade do local a exposição desse material-memorial para que todos no encontro possam experimentar o peso da história na saúde da população negra.

Para a ocorrência da saúde plena da população negra precisamos construir a experiência coletiva e gerar corpos compartilhados, lembrando nesse processo o anúncio de Simon Mwansa Kapwepwe (1922-1980): “Podemos até perdoar mas não podemos esquecer!”